

Resumo: O objetivo desse artigo é discorrer sobre o suposto desaparecimento do livro com o surgimento do *e-book*, percorrendo sua história do impresso ao digital. A tecnologia da informação provocou muitas inovações nesse percurso, transformou radicalmente as modalidades de produção, de transmissão e de recepção do escrito, atingindo o acesso e a preservação. Sendo assim, passou-se a adotar recursos cada vez mais modernos com o uso da tecnologia. Antes, o livro era disponibilizado em papel; hoje, na mídia digital, temos o *e-book*. Para elaboração deste texto, fez-se uso de bibliografia publicada por autores consagrados no assunto e buscou-se identificar consenso entre eles. Dessa forma, obtém-se um breve conhecimento do pensamento dos autores sobre o futuro do livro, as ameaças e riscos ao livro impresso e possíveis danos aos quais estão expostos ao serem digitalizados caso não sejam preservadas as versões originais, uma vez que os recursos tecnológicos afetados constantemente pela obsolescência tecnológica e fragilidade dos suportes não garantem a preservação desses em longo prazo, nem asseguram a memória dessas obras às gerações futuras devido às ameaças às quais esse material está sujeito.

Palavras-chave: Acesso; História do livro; Preservação; Tecnologia da Informação

Abstract: This article discusses the so-called disappearance of the book in face of its increasingly popular alternative, the e-book, in a historical analysis that considers the book's evolution from its origins to modernity. The growth of technology transformed the production, transmission and reception of texts, even modifying the means through which we access and preserve books. At each point along this trajectory, we have come to adopt even more modern resources to accompany the rapid technological growth. Before, the book was available in paper; now, the e-book pervades the digital media age. This text surveys the academic debate regarding the future of the book; seeks to identify a consensus among the leading thinkers in the field; and familiarizes the reader with the threats, risks and possible dangers that accompany preserving texts through exclusively digital means. Ultimately, there are strong implications of preserving texts through digital methods given the obsolescence and fragility of technology. In the long term, relying on technology will not guarantee the survival of texts, or will fail to inform future generations about the unique threats to which e-books and the digital age are presently subject.

Keywords: Access; History of book; Preservation; Information Technology

O livro - do passado ao futuro

Várias publicações tratam sobre a história do livro, sua origem, suporte, formato, acesso e riscos com o uso dos recursos tecnológicos. Nesse contexto, muito tem sido questionado a respeito do seu futuro e o entendimento da transição do impresso para o digital. Sabe-se pela história, que o livro passou a ser utilizado desde os primeiros códices com o surgimento da imprensa inventada por Gutenberg no século XV. A evolução tecnológica conduziu a internet a tornar-se ferramenta fundamental nos afazeres do dia a dia com a disponibilização de dados acessíveis.

Em contrapartida foi capaz de colocar em risco a existência do livro impresso pela primeira vez em séculos de sua existência. O fato é que o desenvolvimento da rede mundial de computadores, através da internet transcendeu e revolucionou o acesso a quaisquer tipos

de informação quase que totalmente sem restrições aos seus navegadores. Desde então, no caso dos livros, obras inteiras foram publicadas virtualmente e outras tantas foram digitalizadas e disponibilizadas em grandes bases de dados e assim o mundo virtual passou a atuar no meio informacional.

Essa realidade suscitou muitos debates tendo como foco o futuro do livro sobre os pontos que contribuiriam para chegar a esse estágio presente, tais como: a democratização do acesso à informação, as vantagens e desvantagens do livro digital, o futuro do livro impresso, o impacto da digitalização de obras raras.

O historiador Darnton (2010), em sua obra *A Questão dos livros* menciona o papel ao comentar a obra *Double fold* de Nicholson Baker que criticou a substituição do acervo de jornais e livros por microfimes. Para Darnton, Baker descreveu de maneira emotiva a atitude de alguns bibliotecários e responsáveis por arquivos que, no passado, na tentativa de resolver os problemas relativos ao espaço físico das bibliotecas e dos arquivos, decidiram microfilmar parte de seus acervos e desfazer-se dos seus suportes impressos sob a justificativa de que estes estariam condenados ao esfacelamento, fruto da ação do tempo.

Ao mergulhar na abordagem de Darnton, percebe-se a preocupação com a manutenção dos documentos impressos, no sentido de mantê-los preservados, uma vez que ao serem submetidos ao processo de microfilmagem, os originais eram destruídos. Segundo o art. 2º do Decreto 1.799/96, da Lei nº 5.433, de 8 de maio de 1968, que regula a microfilmagem de documentos oficiais, “Os documentos de valor histórico não deverão ser eliminados, podendo ser arquivados em local diverso da repartição detentora dos mesmos”. Nesse contexto, trata-se de acervos considerados de valor histórico por serem obras raras, únicas e irrecuperáveis fisicamente.

Quanto ao livro no tempo presente, Darnton aponta diferenças entre as mídias digitais e impressas. As primeiras apresentariam a vantagem de agregar uma quantidade maior de informações ao permitir o acesso a diversas páginas e interfaces por meio de *hiperlinks*. Mesmo assim, o historiador, manifesta a crença de que mesmo diante do avanço e domínio cada vez maior da tecnologia da informação, o *e-book* servirá apenas de suplemento e não substituto da invenção de Gutenberg.

Darnton defende os acervos bibliográficos enquanto suporte impresso considerando sua materialidade como uma forma de proteção dos interesses públicos ao mesmo tempo em que concilia sua perspectiva com o emprego dos recursos tecnológicos:

Algum dia, talvez, um texto numa tela portátil será tão agradável aos olhos quanto a página de um códice produzido há 2 mil anos. Enquanto isso não acontece, digo: protejam a biblioteca. Abasteçam-na com material impresso. Reforcem suas salas de leitura. Mas não pensem na biblioteca como um depósito ou um museu. Ao mesmo tempo em que oferecem livros, a maioria das bibliotecas de pesquisa operam como centros nervosos de transmissão de impulsos eletrônicos. Adquirem bancos de dados, mantêm repositórios digitais, fornecem acesso a periódicos eletrônicos e orquestram sistemas de informação que alcançam as profundezas de laboratórios e gabinetes. Muitas delas estão compartilhando sua riqueza intelectual com o resto do mundo ao permitir que o Google digitalize seus acervos de impressos. Assim sendo, digo também: vida longa ao Google, mas não esperemos que ele viva o bastante

para substituir aquele venerável edifício com colunas coríntias. Como cidadela do saber e plataforma para aventuras na internet, a biblioteca de pesquisa ainda merece estar no centro do campus, preservando o passado e acumulando energia para o futuro (p. 59).

Robert Darnton sinaliza alguns problemas vistos por ele como riscos que podem vir a afetar o controle e acesso à informação. Sua inquietação é voltada para o controle nos sistemas eletrônicos. Um deles seria o de grandes bibliotecas públicas do mundo, digitalizarem seus acervos gratuitamente e em seguida as mesmas bibliotecas necessitem adquirir o acesso à parte de seu material digitalizado. Robert Darnton não se manifesta em seu livro contra as digitalizações, mas a favor delas desde que tenham em vista, em primeiro lugar, os interesses públicos de livre acesso às informações e documentos históricos acumulados pelas bibliotecas e não objetivos comerciais e financeiros.

Outro problema apontado pelo historiador com o serviço de digitalização dos documentos é a obsolescência tecnológica, visto que para os documentos digitalizados não há garantia em manter os documentos em longo prazo devido as frequentes mudanças tecnológicas, uma vez que os sistemas tornam-se obsoletos rapidamente pelas constantes mudanças tecnológicas e devido à fragilidade dos suportes. Nesse contexto recorre-se ao alerta da UNESCO na *Carta para a Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital* onde:

(...) está sustentada na argumentação da autenticidade e da integridade da informação, comprometidas pela rápida obsolescência tecnológica, pela dependência social da informação *digital e pela vulnerabilidade dos sistemas eletrônicos no longo prazo* (UNESCO, 2005).

Darnton partilha conosco uma ideia progressista tanto em relação aos livros impressos quanto aos novos suportes virtuais. Enquanto incita argumentos sobre o possível desaparecimento do livro impresso encontra-se otimista em relação ao futuro do livro. Diante de sua clara visão da questão recomenda o historiador: digitalizar é preciso, desde que se incentive e se pratique a preservação dos suportes impressos, segundo ele, “a moral da história serve de corretivo para o folclore jornalístico: não existe nada mais morto que o jornal de ontem, exceto o jornal de ontem destruído” (p. 145).

O autor nos passa sutilmente a recomendação de digitalizar sim, mas, não destruir os originais dos documentos, no caso, os livros tidos como obras raras.

O livro e o e-book

O futuro previsto por Marshall McLuhall não aconteceu. A *web*, sim; a imersão global na televisão, certamente; mídias e mensagens onipresentes, sem dúvida. Mas a era tecnológica não causou à extinção da palavra escrita, como foi profetizado por McLuhan em 1962. Assim declara-se Darnton com sutileza, como um fiel amigo dos livros:

Pense no livro. Sua resistência é extraordinária. Desde a invenção do códice, por volta do nascimento de Cristo, provou-se uma máquina maravilhosa – excelente para transportar informação, cômodo para ser folheado, confortável para ser lido na cama, soberbo para armazenamento e incrivelmente resistente a danos. Não precisa de *upgrades*, *downloads* ou *boots*, não precisa

ser acessado, conectado a circuitos ou extraído de redes. Seu *design* é um prazer para os olhos. Sua forma torna o ato de segurá-lo nas mãos um deleite. E sua conveniência fez dele a ferramenta básica do saber por milhares de anos, mesmo quando precisava ser desenrolado para ser lido (na forma de rolos de papiro, diferentemente do códice, composto de folhas reunidas por encadernação) muito antes de Alexandre, o Grande, fundar a biblioteca de Alexandria em 332 a. C. (DARNTON, 2010:85).

É assim que Darnton defende a continuidade do livro e contesta profecias quanto o seu desaparecimento. Nessa circunstância, continua a justificar a sua existência e desafia a revolução tecnológica a conseguir avançar com velocidade suficiente para manter-se atualizada e prevê a possibilidade de suplementar o livro tradicional com edições eletrônicas criadas especificamente para determinados propósitos e públicos.

Darnton se coloca como moderador entre as mídias impressas e digitais, no que se refere ao *e-book*:

A melhor defesa que pode ser feita em relação aos *e-books* tem relação com a publicação acadêmica, não em todos os campos, mas num número considerável de áreas das ciências humanas e sociais onde se tornou proibitivamente caro produzir monografias convencionais. Essa dificuldade é tão severa que vem transformando o panorama do saber (...) (DARNTON, 2010:88).

O autor analisa os problemas gerados para com a monografia, as possibilidades que a tecnologia da informação oferece, e volta a afirmar “o livro eletrônico, servirá como suplemento, e não como substituto da grande máquina de Gutenberg” (p. 95).

Chartier (1999) compactua do mesmo pensamento e também se refere ao texto eletrônico como uma revolução. Faz uma analogia entre a revolução tecnológica e a revolução de Gutenberg. Chartier discorre exaustivamente sobre a evolução da tecnologia e sua interferência na história do livro. Ao seu olhar existe a tentação de comparar a revolução tecnológica com a revolução de Gutenberg, segundo esse autor:

Há, portanto, uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso embora durante muito tempo se tenha acreditado numa ruptura total entre uma e outra. Com Gutenberg, a prensa, os tipógrafos, a oficina, todo um mundo antigo teria desaparecido bruscamente (CHARTIER, 1999:9).

Para Chartier, o manuscrito sobreviveu por longo tempo à invenção de Gutenberg, até o século XVIII e mesmo durante o XIX. Para os textos proibidos, cuja existência devia permanecer secreta, a cópia manuscrita continuava sendo a regra. Persistia então, uma forte suspeita diante do impresso, que supostamente romperia a familiaridade entre o autor e seus leitores e corromperia a correção dos textos, colocando-os em mãos “mecânicas” e nas práticas do comércio.

No que respeita ao texto eletrônico, Chartier considera que:

a inscrição do texto na tela traz uma estruturação desse texto que não é a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade, ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo seqüencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito e como não poderia deixar de ser é, também, uma revolução nas maneiras de ler (CHARTIER, 1999:12-13).

O texto eletrônico permite maior distância com relação ao escrito. Nesse sentido, a tela aparece como o ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo. O texto eletrônico torna possível uma relação mais distanciada com o seu leitor, uma relação não corporal.

O papel das bibliotecas no processo histórico

Chartier ao escrever o capítulo sobre “A biblioteca entre reunir e dispersar” (CHARTIER, 1999:115-129) analisa as transformações pelas quais passou o mundo social e, por conseguinte, a biblioteca. A França e os Estados Unidos tiveram configurações distintas para se pensar a biblioteca. A *public library* nos Estados Unidos, com suas raízes inglesas do século XVIII, foi, ao longo do século XIX, uma instituição central da comunidade urbana e seus marcantes vestígios podem ser vistos em todas as grandes cidades norte americanas.

Houve, nos Estados Unidos uma forte cultura comunitária, diferentemente do que ocorreu na França em que a estrutura mais hierárquica e vertical, fazia valer muito mais a autoridade do que a iniciativa coletiva (CHARTIER, 1999:122). Qual seria então o papel da biblioteca, diante das mudanças sucedidas ao longo do processo histórico? A presença do escrito é tal que ela supera toda capacidade de conservação, mesmo para a maior biblioteca do mundo, que é a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos.

Sejam quais forem os materiais (diante da vertiginosa produção impressa) é necessário que haja sempre uma triagem, para a gestão, a organização e o próprio domínio da conservação desta produção. Diante da reprodução a resposta foi procurada junto à eletrônica. A partir do momento em que se transforma uma revista, um periódico, um livro em um texto eletrônico acessível em uma tela, propagado pela rede, parece que se pode dispensar a conservação do objeto material, já que o texto (de qualquer modo) subsiste.

No entanto, alerta Chartier, há aí uma preocupação, pois a forma do objeto escrito dirige sempre o sentido que os leitores podem dar àquilo que leem. Ler um artigo em um banco de dados eletrônico, sem saber absolutamente nada da revista na qual foi publicado, nem dos artigos que o acompanham, e ler o “mesmo” artigo no número da revista na qual apareceu não é a mesma experiência.

O sentido que o leitor constrói, no segundo caso, depende de elementos que não estão presentes no próprio artigo, mas que dependem do conjunto de

textos reunidos em um mesmo número e do projeto intelectual e editorial da revista ou do jornal. Às vezes, a proliferação do universo textual acabou por levar ao gesto da destruição, quando devia ser considerada a exigência da conservação (CHARTIER, 1999:128).

Nesse contexto, e trazendo para a realidade atual da Ciência da Informação, a opinião do autor, posta pelo autor, pode ser entendida como uma inquietação dos historiadores dada à evolução tecnológica, trazendo para o meio dos estudiosos da preservação digital, que estudam os documentos históricos como patrimônio documental; há que se pensar assim nas diversas formas de selecionar, tratar, armazenar, recuperar, disseminar, acessar e preservar esses documentos; ademais, pensar também naqueles que já nascem digitais, os chamados natudigitais, uma vez que com a obsolescência tecnológica e a fragilidade dos suportes as quais estão sujeitos podem desaparecer com a frequente substituição tecnológica. Isto chega a ameaçar esse processo como um todo e conseqüentemente o acesso e a preservação da memória em longo prazo uma vez que se trata de um patrimônio cultural, um legado às gerações futuras.

O futuro do livro

Bibliófilos conceituados como Umberto Eco e Jean Claude-Carrière, no livro *Não contem com o fim do livro*, trazem à tona a posição do livro na era contemporânea e discutem seu futuro com o surgimento e a substituição por novas mídias, principalmente a mídia digital. Defendem a leitura, a cultura e a civilização, sobre o ponto de vista de tratar o livro como objeto, ademais com conceito e como ferramenta humana, imortal, na visão de Umberto Eco. Discutem a história e o futuro dos livros e analisam cerca de cinco mil anos de existência dos impressos.

Esses autores protegem a permanência do livro objeto físico como o conhecemos, apesar dos *e-readers* e da internet. Mesmo usando como argumento o futuro do livro, os dois autores partem para uma história do livro, da veiculação da cultura antes e depois do livro, a influência do livro na cultura e traçam alguns argumentos que explicam o porquê de acreditarem que o livro não desaparecerá.

Umberto Eco e Jean Claude-Carrière discorrem com muita profundidade as transformações as quais o livro parece estar inserido diante das novas tecnologias; a questão da preservação da memória em longo prazo, do arquivamento dos livros digitais e o risco aos quais estão expostos mediante a obsolescência tecnológica e a fragilidade dos suportes.

No que respeita a concepção do desaparecimento do livro, os autores acreditam que a presente recomposição tecnológica deste objeto não modifica a sua função tradicional. O que vem acontecendo na atualidade, segundo imaginam, consiste precisamente numa facilitação de armazenamento e trâmite de informações, que favorece agora, uma facilidade à disponibilidade diante dos dispositivos como o *pen-drive* e o livro eletrônico. Tais suportes também auxiliam na preservação de obras históricas, mais propriamente as raras, para as quais o manuseio direto é um agravante no que diz respeito à preservação.

Eco e Carrière ponderam diante da efemeridade dos suportes temporários, algo que caracteriza a presente inflexão na armazenagem e disseminação das informações. A

fragilidade dos suportes e a inevitável obsolescência tecnológica tornam-se ameaças à preservação da memória ao se tratar da preservação digital para a preservação e o acesso às futuras gerações. Tudo isso se evidencia mediante a incerteza quanto à acessibilidade posterior desses suportes e a substituição dos mesmos.

Portanto, ainda somos capazes de ler um texto impresso há cinco séculos. Mas somos incapazes de ler, não podemos mais ver, um cassete eletrônico ou um CD-ROM com apenas poucos anos de idade. A menos que guardemos nossos velhos computadores em nossos porões. [...] Aceleração que contribui para a extinção da memória. Este é provavelmente um dos problemas mais espinhosos de nossa civilização. De um lado, inventamos diversos instrumentos para salvaguardar a memória, todas as formas de registros, de possibilidades de transportar o saber – é provavelmente uma vantagem considerável em relação à época em que era necessário recorrer a mnemotécnicas, a técnicas para lembrar, pura e simplesmente porque não era possível ter à sua disposição tudo que convinha saber. Os homens então só podiam confiar em sua memória. Por outro lado, independentemente da natureza perecível desses instrumentos, que de fato constitui problema, também devemos reconhecer que não somos imparciais diante dos objetos culturais que produzimos (ECO e CARRIÈRE, 2010:24-25).

É nesse aspecto que vem convir à declaração a propósito de o livro, não obstante as inovações conduzidas pela alta tecnologia ter mantido sua função inalterada. As mudanças técnica científicas para os autores acarretam não propriamente a um afastamento do livro, e sim a uma alteração do jeito de intencioná-lo perante inovações de última hora.

Das duas, uma: ou o livro permanecerá o suporte da leitura, ou existirá alguma coisa similar ao que o livro nunca deixou de ser, mesmo antes da invenção da tipografia. As variações em torno do objeto livro não modificaram sua função, nem sua sintaxe, em mais de quinhentos anos. O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. [...] O livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é (ECO e CARRIÈRE, 2010:16-17).

Presume-se um forte tom de essência do objeto livro de forma a descrevê-lo como um patrimônio cultural, que deixa transparecer um sentimento saudoso na forma de refletir dos autores. Vem a calhar na busca de delimitar uma função para o livro da qual os suportes atuais parecem incapazes de suportar.

Diante das colocações, a questão que se levanta não é bem o desaparecimento do livro na mídia impressa, talvez seja mais conveniente refletirmos, hoje, sobre as transformações que os novos recursos tecnológicos acarretarão na maneira de pensar o armazenamento, o espaço social de disseminação dos textos e, acima de tudo, o surgimento de novas interfaces. Uma vez que, diante da construção de uma nova mentalidade, decorrente de uma mudança cada vez mais perceptível num meio de comunicação tão difundido em nossa cultura através do papel antes conhecido pelo livro e, ao que consta, continuará sendo a partir de alterações.

Nesse aspecto parecem conscientes os autores. Mesmo que não se debrucem a vasculhar mais intensamente a especialidade da questão, é, portanto, fraco o argumento de que o livro *seguirá sendo o que sempre foi* uma vez a escrita podendo ser considerada, desde a sua invenção, como “o prolongamento da mão”, alegando, com isso, que “ela é quase biológica”, pois “é a tecnologia da comunicação imediatamente ligada ao corpo” (ECO e CARRIÈRE, 2010:19).

O livro eletrônico, as novas mídias digitais e plataformas de informação vêm justamente afirmar um meio de comunicação cada vez mais eficaz a partir da possibilidade de distanciamento (quando não precisamente a ausência) dos corpos humanos.

Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso, sem dúvida, é o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões de sua vista; o telefone é extensão da voz; depois temos o arado e a espada, extensões de seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação (BORGES, 1999).

Sendo assim, podemos imaginar que muitas assombrações estão por vir.

Conclusões

Esse texto que teve o objetivo de discorrer sobre o futuro do livro e a possibilidade do seu desaparecimento diante da evolução tecnológica, consegue evidenciar as preocupações, o consenso de três autores consagrados no estudo do livro, e porque não dizer apaixonados pelo livro; eles demonstram em seus discursos não serem contra a tecnologia da informação, mas sim, a favor da imortalidade do livro.

Entende-se assim que a tecnologia chegou para ficar e mexeu com a vida de todos nós, provocando revoluções, inovações e continua surpreendendo dia a dia. Com o livro não podia ser diferente. Há de convir-se que a tecnologia inovou em muitos aspectos as formas de elaborar, ler, transmitir e publicar o livro. Mas, quanto ao prazer de ler, de folheá-lo, manter um contato mais próximo ao leitor não haverá tecnologia que supere a “revolução de Gutenberg”.

Ao analisar os escritos desde o surgimento do manuscrito, depois o impresso até o eletrônico, percebe-se nesse destino que a tecnologia se tornou uma ameaça ao livro impresso, muito embora, presente inúmeras vantagens dentre outras, a praticidade para o manuseio uma vez que ele poder ser lido por várias pessoas ao mesmo tempo.

O que instiga os autores é o risco o qual esse material está exposto devido a obsolescência tecnológica e a fragilidade dos suportes, o que vem a provocar um prejuízo à memória, à posteridade. Preocupação essa, fonte de estudo para os pesquisadores de preservação digital em busca de proteger o patrimônio documental.

É possível observar que os autores citados apresentam um discurso harmonioso sobre a digitalização, na condição de que se pratique a preservação dos suportes impressos, ou seja, manter os originais; visto que a tecnologia não garante a preservação em longo prazo, o que

implica ao risco de que essas produções não cheguem às futuras gerações. A ênfase no livro impresso encanta e é prazeroso ao contato físico, parecendo que aproxima o autor do leitor e o estudo denota que muitos são os apaixonados pelos livros impressos e que temem por seu desaparecimento, parece ter sido este o enfoque escolhido pelos autores.

Compete àqueles que se encontram inseridos no contexto das novas tecnologias, bem como os defensores do patrimônio documental, buscarem soluções para a preservação dos suportes em longo prazo na tentativa de que essa se qualifique para preservar o patrimônio cultural, visto que hoje a tecnologia não está tem ainda uma solução pronta para substituir de vez o papel, o que dificilmente venha a ocorrer devido as constantes mudanças tecnológicas.

Conforme bem descreveu Darnton sobre os atributos do livro e que muito há em comum com os demais autores “o livro é resistente excelente para transmitir informação, cômodo para ser folheado, confortável para ser lido, resistente a danos, um prazer para os olhos”. O fato é que a tecnologia não causou a sua extinção.

O escritor Borges tinha o hábito de dizer que o livro, entre os diversos instrumentos do homem, é, sem dúvida, o mais assombroso. Todos os demais são extensões do seu corpo. Só o livro consegue ser outra coisa: uma extensão da memória e da imaginação. Certamente, com sua sensibilidade ele sabia o que estava a dizer, se assim for espantos virão.

O conhecimento adquirido ao elaborar esse artigo com a leitura dos ilustres estudiosos do livro conseguiu trazer de uma forma muito clara o entendimento da história do livro; os fatos que marcaram sua travessia, uma perfeita cobertura que envolveu a toda a história. Ademais serviu para mostrar a visão e o conhecimento dos autores sobre a inquietação com a preservação das mídias impressas e digitais, assim como dos estudiosos da preservação digital com o acesso e a salvaguarda desse legado às gerações futuras, ou seja, a proteção do livro, como um patrimônio cultural.

Referências bibliográficas

BORGES, Jorge Luis

1999 O Livro. In *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999, vol. 4.

BRASIL. Leis, decretos, etc.

2002 *Decreto nº 4.073, de 3 de janeiro de 2002*. [Em linha]. 2002. [Consult. 20 jan. 2019].

Disponível em:

http://www.presidencia.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4073.htm.

Regulamenta a Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados.

CHARTIER, Roger

1998 *A Aventura do livro : do leitor ao navegador : conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora UNESP, 1998.

DARNTON, Robert

2010 *A Questão dos livros : passado, presente e futuro*. São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude

2010 *Não contem com o fim do livro*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Ana Suely Pinho Lopes | pinholopes.anasuely@gmail.com

Universidade Fernando Pessoa, Portugal